

O PAÍS

Aliança junta os cacos

PFL perde força com ameaça a ACM, Jader divide PMDB e PSDB exorciza Arruda

Ilmar Franco e Liège Albuquerque *

BRASÍLIA

As denúncias de corrupção contra o governo, as acusações contra o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e a possível cassação dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF) estão provocando uma reviravolta na sucessão presidencial de 2002. O PFL perde força, o PMDB se divide e a desconfiança tomou conta da aliança governista, que inclui o PSDB.

As candidaturas da oposição ganham fôlego, o PTB está de namoro com o candidato do PPS, Ciro Gomes, o governador de Minas, Itamar Franco, cresce como candidato no PMDB e a manutenção da aliança liderada pelo PSDB está ameaçada.

— Está prevalecendo a idéia do salve-se quem puder — diz o líder do PMDB, Geddel Vieira Lima (BA).

As perdas diante da crise no Senado já estão sendo contabilizadas pelos três maiores partidos da aliança. O PSDB está fazendo de tudo para se dissociar da crise ética. Arruda foi levado a se afastar da liderança do governo e se desfiliou do PSDB por seu envolvimento direto na violação do painel eletrônico.

Programa do PSDB destaca a ética

Os tucanos decidiram incluir no novo programa do partido, que será debatido na convenção do dia 19, um capítulo inteiro sobre combate à corrupção, que afirma: "Entendemos a necessidade de preservar como a menina de nossos olhos a pureza e a integridade de nossos valores. Não permanecerá no PSDB qualquer pessoa que atente contra os interesses da imensa maioria dos brasileiros. Não seremos omisso e nem complacentes com qualquer filiado que viole a ética partidária", diz o documento na página 54.

O PFL vai para a sucessão presidencial com uma perna a menos. O comando acredita que o partido na Bahia não apoiará o candidato do governo. Isso retira dos pefelistas seu poder de fogo e de barganha para negociar a manutenção do vice na chapa.

— O PFL vai se desagregar e viver o mesmo processo que o PMDB enfrentou depois que o deputado Ibsen Pinheiro foi cassado e o líder na Câmara, Genebaldo Correa, renunciou — diz o presidente do PPS, senador Roberto Freire (PE).

PFL ainda busca um plano B

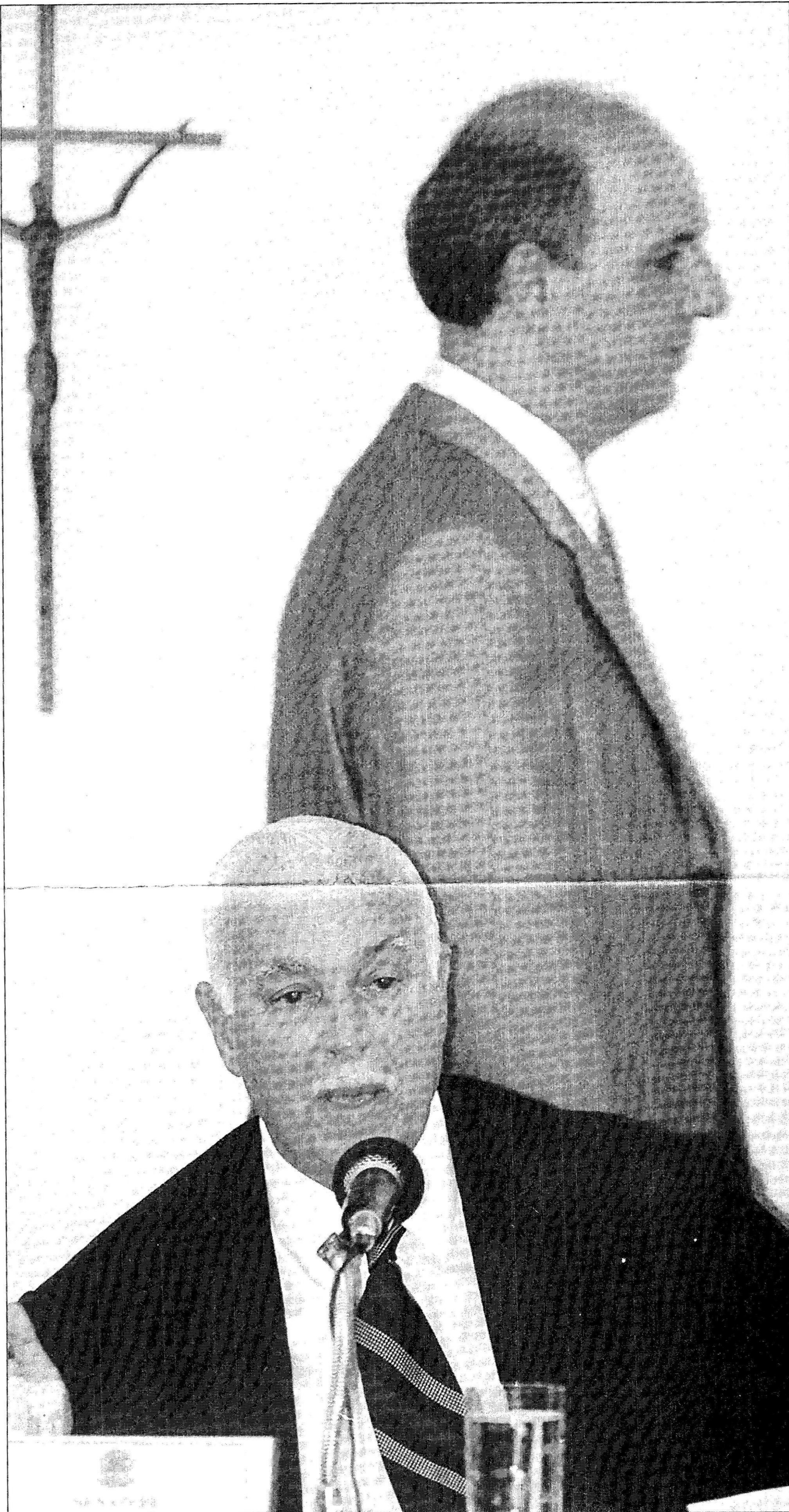
A cúpula do PFL ainda não tem uma alternativa para o caso de Antonio Carlos ser cassado e não poder disputar o governo da Bahia ano que vem. Poderia investir para fortalecer a liderança de promessas, como a governadora Roseana Sarney (Maranhão) ou Jaime Lerner, governador do Paraná. Mas nenhum dos dois pode disputar a reeleição. Sem Antonio Carlos, o PFL fica sem um candidato com chances de vitória nos estados ano que vem.

Por isso, no início do escândalo do painel, setores da cúpula pefelista chegaram a ensaiar abandonar Antonio Carlos. Mas descobriram que o estrago seria maior sem ele. Agora o partido luta com unhas e dentes para salvá-lo.

— Os destinos do PFL e de Antonio Carlos estão completamente atrelados. Um precisa do outro para sobreviver — diz Roseana Sarney.

O PMDB também chega fraturado, devido ao sucesso da estratégia dos adversários de associá-lo à corrupção. Isso incomoda um grupo cada vez maior de peemedebistas. Uma parcela quer mudar essa situação afastando Jader da presidência do partido e outra imagina que fará isso apoiando a CPI da Corrupção. Mas o partido, reconhece os adversários, tem a seu favor a possibilidade de apoiar a candidatura de Itamar. Até mesmo seus adversários no partido já admitem apoiá-lo, desde que esteja disposto a absorver todos os grupos.

— O PMDB tem alternativa, tem o Itamar. Ele é um detergente, lava a



ACM E ARRUDA na acareação de quinta-feira: crise no Senado já provoca uma reviravolta na sucessão presidencial

"No Brasil, quando se cria um clima de mar de lama quem lucra são as personalidades voluntaristas e os aventureiros"

Jutahy Júnior, líder do PSDB na Câmara

"A opinião pública sabe discernir os partidos das pessoas. A única especulação válida é que o processo vai fragilizar politicamente os envolvidos"

Marcus Figueiredo, cientista político

imagem do partido. É adversário de Jader e crítico do governo — diz o diretor-executivo do PFL, Saulo Queiroz.

A crise que tomou conta da base governista é comemorada pelo PT. Mesmo reconhecendo que a oposição tentará faturar a sucessão de escândalos, cientistas políticos recomendam cautela com a euforia. Aham que a crise não vai afetar tanto os partidos nas eleições, pois para eles as perdas políticas serão personalizadas.

— A opinião pública sabe discernir os partidos das pessoas. A única especulação válida é que o processo vai fragilizar politicamente os en-

volvidos — diz Marcus Figueiredo, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio (Iuperj).

O cientista político Rubens Figueiredo, do Centro de Pesquisas e Comunicação de São Paulo, também considera que a oposição tem muito arsenal para explorar nos horários de propaganda eleitoral gratuita.

— Os acontecimentos no Senado vão render lucros para a oposição. Em qualquer pesquisa qualitativa feita hoje um dos primeiros itens citados é a moralidade — diz.

Mas para o líder do PSDB na Câmara, Jutahy Magalhães (BA), a continuidade do clima de escândalos

não favorece os partidos organizados, sejam de oposição ou de governo. Sua avaliação é que, mantida na agenda a crise ética, as próximas eleições serão levadas a uma grande dose de incerteza, na qual o imponderável pode prevalecer como em outros momentos da história:

— No Brasil, quando se cria um clima de mar de lama, quem lucra são os voluntaristas e aventureiros. Foi assim com Carlos Lacerda em 1954, que levou ao suicídio do Getúlio Vargas, com Jânio Quadros em 60 e com Fernando Collor em 89. ■

(*) Do Globo On Line

Para cientistas, PFL é o maior atingido

Diana Fernandes e
Cristiane Jungblut

BRASÍLIA. Qualquer que seja a punição do senador Antonio Carlos Magalhães (BA) no caso da violação do painel eletrônico, o estrago já está feito no PFL. Mesmo que não seja cassado, a fragilidade exposta do senador, o pefelista mais expressivo, põe o partido em desvantagem, avaliam cientistas políticos e parlamentares. É o partido que mais perde com a crise, ainda que a reboque dela o presidente do Senado e do PMDB, Jader Barbalho (PA), venha a sofrer processo semelhante.

— A situação do PFL é muito complicada. Não tem saída. Os partidos governistas têm muito a perder com a crise do Senado, mas o PFL é o que mais perde — diz a cientista política Lucia Hippolito.

Para Paulo Kramer, professor de ciência política da UnB, o pefelista ainda sairá da crise como o grande eleitor da Bahia, mas o PFL não contará mais com o poder de sua influência na política nacional:

— Sem seu trunfo de negociação, Antonio Carlos, o PFL ficará em posição secundária. Será um partido comportado, magrinho, que não grita e não bate na mesa. Terá, agora, mais dificuldade de comando do que nunca.

Os dirigentes pefelistas e aliados fiéis de Antonio Carlos reconhecem que é grande o estrago provocado, mas têm ressaltado a importância do senador para o partido. Aham que se ele tiver os direitos políticos suspensos, mais do que prestígio e credibilidade o PFL perderá votos, consistência eleitoral.

— Nesse caso, o PFL ficará órfão, porque perderá a figura de proa do partido. A relação entre Antonio Carlos e o PFL não é das melhores, mas um depende do outro — afirma um cacique pefelista.

— O PFL não tem ninguém como Antonio Carlos, nem condições, a curto prazo, de ter. Só tem líderes regionais, como Jaime Lerner e Roseana Sarney — concorda Lucia.

Com Antonio Carlos na berlinda em Brasília, seus companheiros têm repetido: ele tem três milhões de votos e é um dos poucos políticos com condições de eleger em seu estado três senadores e mais de 20 deputados. A ordem é manter apoio e solidariedade, apesar das divergências, mas no limite do pragmatismo.

O senador José Agripino Maia (RN), vice-presidente do PFL, contesta as avaliações de que o partido está desgastado. Para ele, isso aconteceria se Antonio Carlos fosse prescindível:

— Não há por que o PFL sentir-se enfraquecido. Esse processo (o do Senado) é longo e terá desdobramentos. Em 2002 estaremos (os partidos da aliança) todos iguais, como japoneses.

— A política é tão dinâmica que isso tudo ficará esquecido daqui a um ano. O senador Antonio Carlos continuará forte na Bahia e aqui o PFL seguirá com suas lideranças naturais — acredita o líder na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), apostando na volta do prefeito do Rio, Cesar Maia, ao partido.

— Se Cesar Maia vier, ocupará lugar de destaque no partido. Poderá até ser nosso candidato a presidente, uma vez que Roseana (Sarney, governadora do Maranhão) não quer.